

APENAS UMA ESPÉCIE DE CAOS NO INTERIOR TENEBROSO DA SEMÂNTICA: A PROBLEMÁTICA RELAÇÃO DE TORQUATO NETO COM OS CÓDIGOS COMUNICATIVOS DE SEU TEMPO*

Edwar de Alencar Castelo Branco¹
Universidade Federal do Piauí

Recebido: 05/08/2015
Aprovado: 20/12/2015

Resumo: O presente trabalho constitui estudo sobre a obra de Torquato Neto, o poeta tropicalista que escreveu letras musicais em parceria com estrelados nomes da música brasileira, entre os quais Caetano Veloso, Gilberto Gil, Edu Lobo entre outros. O principal foco do estudo incide sobre a problemática relação que Torquato Neto estabeleceu com as palavras, o que o conduziria, por um lado, a uma profunda desconfiança em relação à linguagem, enquanto, por outro lado, o manteria num constante esforço para “destruir a linguagem e explodir com ela”, o que acabaria por levá-lo à morte. Propõe-se que a vida e a obra de Torquato Neto, sujeito singular desterritorializado entre a história e a literatura, constitui importante referência para compreendermos as condições históricas de existir no Brasil de seu tempo.

Palavras-chave: História; Linguagem; Torquato Neto; Brasil.

JUST SORT OF CHAOS IN THE DARK INTERIOR OF SEMANTICS: THE PROBLEMATIC RELATIONSHIP OF TORQUATO NETO WITH THE COMMUNICATIVE CODES OF ITS TIME

Abstract: This work is a study on the work of Torquato Neto, the tropicalist poet who wrote lyrics in partnership with starry names in Brazilian music, including Caetano Veloso, Gilberto Gil, Edu Lobo among others. The main focus of the study focuses on the problematic relationship that Torquato Neto established with the words, which would, on one hand, led a deep distrust of language, while on the other hand, maintain a constant effort to "destroy language and explode with it", which would eventually lead him to death. It is proposed that the life and work of Torquato Neto, singular subject deterritorialized between history and literature, is an important reference for understanding the historical conditions of existence of his time in Brazil.

Keywords: History; Language; Torquato Neto; Brazil.

As palavras são como poliedros de faces infinitas.
Torquato Neto

* Este trabalho é subproduto de uma pesquisa mais ampla intitulada “À margem da margem da margem: apropriação histórica de exemplares da arte experimental brasileira” e contou com apoio financeiro do CNPq.

¹ Endereço: Rua Alberico Leal, 4248. Bairro Ininga. CEP: 64.048-525 - Teresina - Piauí. E-mail: edwar2005@uol.com.br.

Este estudo apropria-se da obra de Torquato Neto – o autor do já clássico *Os últimos dias de paupéria*, livro póstumo organizado por Wally Salomão e Ana Duarte – com o objetivo de refletir sobre a problemática relação que este poeta estabeleceu com as palavras, o que o conduziria, por um lado, a uma profunda desconfiança em relação à linguagem, enquanto, por outro lado, o manteria num constante esforço para destruir a linguagem e explodir com ela, o que acabaria por levá-lo à morte. O estudo propõe que a vida e a obra de Torquato Neto, sujeito singular desterritorializado entre a história e a literatura, constitui importante referência para compreendermos as condições históricas de existir no Brasil de seu tempo, afinal, como já foi percebido, obras como a de Torquato Neto testemunham a “tribalização dos códigos comunicativos que recortam subjetividades jovens emergentes e registram igualmente as frustrações advindas do estreitamento da participação na história”.²

A importância histórica da obra em questão já foi atestada por vários autores. Para Heloisa Buarque de Holanda, por exemplo, a poética torquateana “tomou-se material indispensável para o estudo e para se ter o *feeling* da polêmica história da cultura do início da década de 1970”.³ Décio Pignatari, por sua vez, enxerga Torquato como

um criador-representante da nova sensibilidade dos não especializados. Um poeta da palavra escrita que se converteu à palavra falada, não só à palavra falada idioletal brasileira, mas à palavra falada internacional. A palavra falada do Português do Brasil – e não o brasileiro, fosse piauiense, baiano, carioca ou paulista. Não era de folclorizar a língua. Nisto seguia João Gilberto mais de perto do que os seus companheiros baianos. Era mais de ideologia do que de magia.⁴

Nascido em Teresina, a capital do Piauí, o poeta Torquato Neto notabilizou-se por sua participação no Movimento Tropicalista, sendo o autor de *Geléia Geral*, a

² QUEIROZ, Teresinha. **Do Singular ao Plural**. Teresina: EDUFPI, 2015. p. 257.

³ HOLANDA, Heloisa B. de. Poetas rendem chefe de redação (II). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Coluna B, 12 fev. 1983. p. 12.

⁴ PIGNATARI, Décio. Torquato: um depoimento-entrevista a Régis Bonvicino. *In*: TORQUATO NETO. **Os últimos dias de paupéria**. Org. de Waly Salomão e Ana Duarte. São Paulo: Max Limonada, 1982. p. 12.

música manifesto que seria gravada por Gilberto Gil no disco *Panis et circensis*, em 1968. Para ele, a realidade brasileira de então é inscrita pela sufocação geral que pairava sobre os brasileiros e em particular sobre os artistas, poetas e agitadores culturais de um modo geral.

Submetido a uma ditadura difusa que procurava silenciar as falas dissonantes, Torquato reconhecera nas palavras as armas de que poderia se valer para furar o bloqueio das formas dominantes de pensamento, ainda que ao mesmo tempo revelasse grande desconfiança em relação a estas mesmas palavras. Do mesmo modo, percebeu que a “ditadura” não era exatamente uma imposição militar ao povo brasileiro. Ela era, antes, a resultante de um autoritarismo que as pessoas desejavam e no qual projetavam a estratégia que, do ponto de vista dessa reação, iria barrar o ritmo das mudanças, reinventando a tradição reativamente. Torquato ironiza esta opinião pública reacionária e procura dissolvê-la, anular sua significação: “dá pra descobrir as brechas. eu ando por debaixo da avenida muito antes do metrô. ou será que eu não odeio tanto a ditadura da classe média que não queira transar com a moral dela?”.⁵

Este gesto de experimentar infinitamente, procurando manter-se fluxo, decorria do fato de que a sua guerrilha semântica contra as formas de significação então dominantes não estava, àquela época, acabada. Não poderia acabar. E na coexistência dessa luta contra as forças que conjuravam tudo que havia de desafiador e subversivo no tropicalismo, crescia sua suspeita em torno dos perigos da linguagem e sua relação com a morte e a loucura tornava-se mais estreita:

tudo continua. continua parado no centro de minhas especulações, e não sei dizer se já consegui me desfazer de qualquer uma delas. estou morrendo. mais uma vez eu morro soterrado em minhas perplexidades – não sei para o *quê* estou – e deixo andar. é preciso que eu adquira condições que me permitam sobreviver. o que é sobreviver? tenho conseguido sobreviver até aqui, mas... o que vivo, o que consigo escrever, o que posso ir sendo são meus bens. não disponho de outros. o que não sou me mata: assim, assado, sempre: tudo continua como sempre, o mesmo esquema para o fim, a mesma vida de cocô melado, a mesma merda. só deus pode me salvar, mas eu não conheço deus nem

⁵ TORQUATO NETO. **Os últimos dias de paupéria**. Org. de Waly Salomão e Ana Duarte. São Paulo: Max Limonada, 1982. p. 348.

sei onde procurá-lo. disse que estou morrendo – uma vez mais – vivo só pra isso.⁶

De um modo muito particular, Torquato Neto vislumbrava que a linguagem é um território tão perigoso quanto assombroso, uma vez que ela é produto de uma estrutura funcional e pragmática ligada a arranjos sociais de poder e de desejo, “a máquinas de Estado, de técnicas e de guerra”.⁷ Mas, junto com esta suspeição, a qual o levava a igualar a palavra a um poliedro de faces infinitas, havia o desejo de manter sua vida ligada à arte como forma de verdadeira experimentação e contra-efetuação do real em relação às forças que o organizam e normalizam. Por isso Torquato fez de sua guerrilha contra a linguagem uma luta política, de resistência, na medida em que percebia que verdades universais⁸ como a religião, o Estado, o capitalismo, a ciência, o direito, a opinião “não se contentam em ser exteriores, mas passam por cada um de nós”.⁹

Em seus escritos, especialmente naqueles “pós-tropicalistas”, surgem miríades de referências à perigosa ilusão de uma correspondência isomorfa entre as proposições e os estados de coisas, entre os nomes e as substâncias, entre os predicados e as qualidades,¹⁰ entre as definições reais (*definitio rei*) e as definições verbais (*definitio nominis*), entre a história e a literatura.¹¹ Na sua escrita cada vez mais visceral a palavra se apresenta em sua materialidade como algo a ser destruído e superado por filmes introspectivos e experimentais. Tal como White,¹² ele inquiria: “Como podemos estar certos de que as palavras designam realmente as coisas que devem significar?”:

Quando eu recito ou quando eu escrevo, uma palavra – um mundo poluído – explode comigo e logo os estilhaços desse corpo arreventado, retalhado em lascas de corte e fogo e morte (como napalm) espalham imprevisíveis significados ao redor de mim: há palavras que estão no dicionário e outras que não estão e outras que eu posso inventar,

⁶ Ibidem. p. 142.

⁷ GUALANDI, Alberto. **Deleuze**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. p. 119.

⁸ VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Brasília: UnB, 1998.

⁹ DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: 34, 1992. p. 9.

¹⁰ GUALANDI, Alberto. Op. Cit., p. 119.

¹¹ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os Dias de Paupéria**. São Paulo: Annablume, 2005.

¹² WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**. São Paulo: Edusp, 1994. p. 273.

inverter todas juntas e à minha disposição, aparentemente limpas, estão imundas e transformaram-se, tanto tempo, num amontoado de ciladas. Uma palavra é mais do que uma palavra, além de uma cilada. Elas estão no mundo e portanto explodem, bombardeadas. Agora não se fala nada e tudo é transparente em cada forma; qualquer palavra é um gesto e em sua orla os pássaros de sempre cantam nos hospícios. No princípio era o Verbo e o apocalipse, aqui, será apenas uma espécie de caos no interior tenebroso da semântica. As palavras inutilizadas são armas mortas e a linguagem de ontem impõe a ordem de hoje. A imagem de um cogumelo atômico informa por inteiro seu próprio significado, suas ruínas, as palavras arrebetadas, os becos, as ciladas. Escrevo, leio, rasgo, toco fogo e vou ao cinema. Informação? Cuidado, amigo. Cuidado contigo, comigo. Imprevisíveis significados. Partir pra outra, partindo sempre. Uma palavra: Deus e o diabo.¹³

Note-se que ao duvidar das palavras, ao colocá-las sob suspeição, o poeta não vai ao dicionário – *habitat* das palavras – para resolver sua dúvida, mas ao cinema. A referência ao clássico filme de Glauber Rocha – Deus e o diabo na terra do sol – indica não apenas um signo de seu tempo, mas aponta o núcleo do esforço e da crença torquateana em que os filmes oportunizariam a formulação de uma contra-linguagem capaz de resolver a sua suspeita sobre as palavras.

Relativamente àquilo que Torquato pensava especificamente em relação ao papel do cinema e especialmente em relação às utilidades do super-8 como instrumento de uma guerrilha semântica que refundasse sua época, o excerto transcrito a seguir configura uma boa síntese:

Quero liquidar com todas as teorias de montagem, tempo, gramática fílmica, etc. Isso tudo já se transformou numa linguagem. Eu quero liquidar essa linguagem e partir de volta a um *approach* bem primitivo, como uma criança. Sem conceituações. Buñuel falou que qualquer tipo de filme já é uma resposta a um princípio onírico, uma espécie de sonho. De maneira que eu quero agora romper com os conceitos estruturais e começar de novo (...). Acredito que a estrutura dos signos no cinema é mais importante do que a montagem. A montagem reprime as imagens e os signos (...). Qualquer filme é a projeção de um sonho reprimido. E eu quero que esse sonho seja liberado, seja livre, sem nenhum limite. O cinema agora é feito por cineastas, “filmmakers”, e eu quero que ele seja feito por todo mundo. Super oito... Oito crianças... Isso será o cinema liberto.¹⁴

¹³ TORQUATO NETO. **Os últimos dias de paupéria**. Org. de Waly Salomão e Ana Duarte. São Paulo: Max Limonada, 1982. p. 98.

¹⁴ *Ibidem*. p. 186.

Mas se a linguagem é também índice das relações de forças que perpassam as configurações sociais e políticas, é a própria micropolítica de Torquato que desafia “o coro dos contentes”. É ao som desta anti-sinfonia que o poeta cantarola sua suspeição em relação à linguagem:

No principio era o Verbo, existimos a partir da linguagem, saca? Linguagem em crise igual a cultura e/ou civilização em crise – e não o reflexo da derrocada. O apocalipse, aqui será apenas uma espécie de caos no interior tenebroso da semântica. Salve-se quem puder.¹⁵

O jovem Torquato, implicado nas ciladas da linguagem, percebe que toda estrutura semiótica nos impõe as formas de sujeito e objeto na disposição dos lugares de fala e poder, identificando o indivíduo dentro do espaço social. Sendo um homem moderno atravessado por uma condição histórica pós-moderna, sua própria figura de sujeito se embebe na dúvida. Para muitos que viveram sua época a questão do ser sujeito se colocou como um relevante problema de ordem histórica, afinal, para aqueles que viveram a emergência da pós-modernidade brasileira,¹⁶ a subjetividade era uma construção em ruínas:

Ela já não tinha mesmo jeito, desde as devastadoras demolições dos “mestres da suspeita”: Marx, Freud, Nietzsche, sem esquecer, é claro, Heidegger. A obra de desconstrução iria prosseguir, incansável, a partir de meados do século XX, com as operações de desalojamento do *cogito* cartesiano efetuadas pela revisão althusseriana de Marx e pela revisão lacaniana de Freud. Depois, com os pós-estruturalistas, Foucault, Deleuze, Derrida, Lyotard, o estrago se tornaria irremediável e sem volta. *A point of no return*. A questão não é mais, agora, “quem é o sujeito?”, mas, “queremos, ainda ser sujeitos?”, “quem precisa do sujeito?”, “quem tem nostalgia do sujeito?” e, mais radicalmente, talvez, “quem vem depois do sujeito?”. Ou ainda, como Maurice Blanchot, a essa última pergunta podemos, talvez cinicamente, nos limitar a retrucar: “quem mesmo?”.¹⁷

Se Torquato, intuitivamente, colocava a linguagem como um problema de ordem histórica, foram os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari aqueles que nos colocaram o problema da linguagem e de sua relação com o poder de forma radical

¹⁵ TORQUATO NETO. **Torquatália: do Lado de Dentro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. p. 311.

¹⁶ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os Dias de Paupéria**. São Paulo: Annablume, 2005.

¹⁷ SILVA, Tomaz T. da (Org). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 11.

e singular. Para esses pensadores a linguagem não pode ser definida apenas por sua tarefa de significar e informar, mas por traçar coordenadas semióticas (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, etc.) sob a forma de palavras de ordem a serem emitidas e recebidas. As palavras de ordem não são algo a ser acrescentado à linguagem (como o imperativo), mas sua consequência interior: “A linguagem não é feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer.”¹⁸

É a partir das palavras de ordem, que são atos de fala imanentes ligados a uma obrigação social, que nasce politicamente a Maioria como modelo ou padrão que supõe um estado de poder e dominação. E no tenebroso momento histórico em que Torquato Neto viveu não é difícil identificar o Cidadão-normal-patriota-branco-masculino habitante das cidades que aparece na micrologia do cotidiano no Brasil da ditadura militar. Vendo desse ponto, podemos entender a experimentação poética de Torquato Neto nas diversas artes como sua tentativa de buscar um devir-menor, sua “contra-linguagem”.¹⁹ Por que “aquém estão os devires que escapam ao controle, as minorias que não param de ressuscitar e resistir”.²⁰

“Chega de metáforas. Queremos a imagem nua e crua que se vê na rua”. Com este manifesto, do final de 1971, Torquato Neto parecia ter concluído um longo processo de reflexão sobre a linguagem que, conforme demonstrado, foi constantemente marcado pela desconfiança e pela formulação de propostas de contra-linguagens. Raciocinando sempre em termos de “lado de dentro” e “lado de fora”, o poeta demonstrava uma enorme percepção da transparência da linguagem como o lugar de mascaramento do caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. Ao mesmo tempo, também, percebia serem as palavras “poliedros de faces infinitas”, que se permitiam ser utilizados no sentido da subversão de significados. Nisto reside o núcleo central da contra-linguagem torquateana.²¹

¹⁸ DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 1995. V. 2. p. 12.

¹⁹ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Destruir a Linguagem e explodir com ela: a experiência do cinema marginal em Torquato Neto. **Scientia et Spes**, Teresina, ano 1, n. 1, 2002. p. 14.

²⁰ DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: 34, 1992. p. 190.

²¹ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os Dias...** Op. Cit.

É então nesse ato de contra-efetuação do real que Torquato Neto busca articular até os últimos dias de sua vida, como tantos outros artistas marginais do período, sua linha de fuga contra os estratos que atravessam os sujeitos: o organismo, a significância e a subjetivação. Sobre esses estratos e seu apossamento sobre nós Deleuze e Guattari nos advertem:

Você será organizado, você será um organismo, articulará seu corpo – senão será depravado. Você será significante e significado, intérprete e interpretado – senão será desviante. Você será sujeito e, como tal, fixado, sujeito de enunciação rebatido sobre um sujeito de enunciado – senão você será um vagabundo".²²

Envoltos nessa nuvem espessa, marcada por autoritarismo, ausência de liberdade, captura e controle social, Torquato Neto e muitos de seus contemporâneos buscariam criar para si corpos-sem-órgãos, na ânsia de debaterem-se contra as hierarquias dominantes, as formas, as funções, as “transcendências organizadas para extrair um trabalho útil”.²³ E essa busca pelo anti-organismo era “uma das marcas dos anos sessenta, quando jovens sujeitos elaborarão uma linguagem que se proporá nova, não apenas em termos de ser diferente, mas no sentido de subverter as relações da palavra com as imagens e os objetos”.²⁴

Nesse embate entre o organismo e o seu outro, Torquato Neto levou às últimas conseqüências a sua luta contra as palavras inutilizadas, as quais para ele eram palavras mortas que, por sua falência, ajudariam a “*linguagem de ontem [a impor] a ordem de hoje*”.²⁵ Esse exercício de experimentação radical de limite, por sua vez, conduziria o poeta ao extremo de estreitar, constantemente, seu contato com a loucura e com a morte. Era quando se aproximava de sujeições como a do personagem fúnebre de Samuel Beckett, na obra *Malone Morre*, que espera sua morte iminente aterrissando, pela escrita, em algum lugar vazio:

²² DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 1996. V. 3. p. 22.

²³ Idem.

²⁴ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os Dias...** Op. Cit., p. 72.

²⁵ TORQUATO NETO. **Torquatália: do Lado de Dentro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. p. 312.

meus dedos também escrevem em outras latitudes, e o ar que respiro através do meu caderno e lhe vira as páginas sem que eu perceba, quando caio no sono, de maneira que o sujeito cai longe do verbo e o objeto aterrissa em algum lugar no vazio, não é o ar desta penúltima morada, ainda bem.²⁶

Esse lugar do vazio, onde a incomunicabilidade e a solidão espreitam Torquato Neto, é fruto de sua tentativa de furtar-se à linguagem. O marginal e herói Torquato Neto queria que a coisa mesma, referente em si, desnudada sem trajetos e sem interferências, se apresentasse a ele, que desejava a imagem nua e crua que vem das ruas. É daí, desse ponto, que o poeta, desconfiado das palavras, converge para o cinema udigrudi. Curiosamente, é de sua coluna Geléia Geral, que mantinha no jornal Última Hora carioca e da qual saltitavam palavras em algazarra, que ele começa a defender os filmes experimentais como a última fronteira da linguagem:

Quero liquidar com todas as teorias de montagem, tempo, gramática fílmica, etc. Isso tudo já se transformou numa linguagem. Eu quero liquidar essa linguagem e partir de volta a um *approach* bem primitivo, como uma criança. Sem conceituações. Buñuel falou que qualquer tipo de filme já é uma resposta a um princípio onírico, uma espécie de sonho. De maneira que eu quero agora romper com os conceitos estruturais e começar de novo (...). Acredito que a estrutura dos signos no cinema é mais importante do que a montagem. A montagem reprime as imagens e os signos (...). Qualquer filme é a projeção de um sonho reprimido. E eu quero que esse sonho seja liberado, seja livre, sem nenhum limite. O cinema agora é feito por cineastas, “filmmakers”, e eu quero que ele seja feito por todo mundo. Super oito... Oito crianças... Isso será o cinema liberto.²⁷

O alvo de suas críticas é o então institucionalizado Cinema Novo, monumentalizado na figura de Glauber Rocha, seu principal expoente. E o jornal Última Hora é sua articulação para “*ocupar espaço*”, ocupar as brechas para manter seu espaço liso habitado por qualidades táteis e sonoras, intensidades, afectos, trajetos e forças do nômade que sempre foi e quis ser; isso para resistir ao espaço estriado do Estado sedentário determinado, marcado e organizado por linhas

²⁶ BECKETT, Samuel. **Malone morre**. São Paulo: Códex, 2004. p. 77-78.

²⁷ TORQUATO NETO. **Os últimos dias de paupéria**. Org. de Waly Salomão e Ana Duarte. São Paulo: Max Limonada, 1982. p. 25.

coercitivas.²⁸ Em um caminho análogo – guardadas as diferenças – à de Antonin Artaud no Teatro da Crueldade, Torquato buscava questionar a “*linguagem da palavra*” como meio de expressão, “*questionar se esta responde a todas as necessidades orgânicas da vida.*”²⁹

A maneira como o poeta se move na intenção de criar um cinema liberto e experimental ocorre justamente na implosão da linguagem enquanto palavra, para alcançar o real em sua pureza original. Os roteiros de seus experimentos em filmes como “*Terror na Vermelha*” e “*Adão e Eva do Paraíso ao consumo*” se dão justamente nessa direção, construídos que estão sob a forma fragmentária e poética.³⁰ Mas o que Torquato Neto experimenta é a mudez de quem explode a linguagem, a desarticulação absoluta do corpo-sem-orgãos, a profunda aniquilação pela linha de fuga, ou a morte. Em uma de suas internações no *Engenho de Dentro*, manicômio onde, por mais de uma vez, buscou ajuda para livrar-se do álcool. escreveu:

um recorte no meu bolso, escrito ontem cedo, ainda em casa: “quando uma pessoa se decide a morrer, decide, necessariamente, assumir a responsabilidade de ser cruel: menos consigo mesmo, é claro. é difícil, pra não ficar teorizando feito um idiota, explicar tudo. é chato, e isso é que é mais duro: ser nojento com as pessoas a quem se quer mais bem no mundo”. o recorte acaba aí. hoje, agora, estou fazendo tempo enquanto os remédios que tomei fazem efeito e vou dormir. este sanatório é diferente dos outros por onde andei – talvez seja o melhor de todos, o único que talvez possa me dar condições de não procurar mais o fim da minha vida. Soube hoje que o Rogério esteve aqui, antes. Preciso muito conseguir explicar ao médico tudo o que é necessário. se eu não escapar desta vez – estou absolutamente certo de que jamais conseguirei outra. ainda hoje, no entanto, sentado aqui, escrevendo, para e vejo bem lá dentro de mim, acesa, a luz que me guia para a destruição. não tenho vontade de viver, mas *quero*. Não sei porque continuar, mas *quero*.³¹

²⁸ DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 1997. V. 5. p. 179-214.

²⁹ ARTAUD, Antonin. **Linguagem e Vida**. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 73.

³⁰ TORQUATO NETO. **Torquatália: do Lado de Dentro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. p. 193-205.

³¹ TORQUATO NETO. **Os últimos dias de...** Op. Cit., p. 357.

Eis por que a prudência anunciada por Deleuze e Guattari contra uma desterritorialização abrupta.³² A morte de Torquato Neto foi interpretada de maneiras diversas se encaminhando por veredas que vão desde a psicologização à condenação de toda uma geração de artistas, como fez o cineasta Glauber Rocha: *“clímax da babaquice ripista anarcovisionária, subproduto imperialista nos trópicos”*.³³ Em partes isso advém de que para diversos intérpretes, do período da ditadura militar brasileira, a morte é um ponto culminante e não uma linha coextensiva à vida, plural, violenta, no qual é preciso lutar e transpor até que ela acabe.³⁴ Mas isso se torna ainda mais complexo por que já foi notado que existe nesse momento histórico uma *“fragilização dos limites entre vida e obra”*.³⁵ A captação dessa radicalidade parece parar nesse ponto. É necessário então enxergar que “quando colocamos a linguagem sob suspeição, é de nosso próprio mundo que suspeitamos”.³⁶ Torquato Neto viu *“que só no delírio pode encontrar a saída para os estrangulamentos que a vida lhe prepara”*.³⁷ Buscando um movimento que *“arrasta a língua para fora de seus sucos costumeiros, leva-a a delirar”*.³⁸ E nesse movimento corremos o risco de encontrar a morte e a loucura na busca de novas possibilidades de vida. Em Torquato não há por que encontrar o sintoma de uma doença que teria levado o poeta à morte, mas vislumbrar uma vida que transbordava, que ia muito além do dizível, do enunciável, mas que era necessário arrastar para a luz através da arte. E foi um outro artista, o anárquico Antonin Artaud, que entendeu o suicídio sob a perspectiva caótica e estética. Pois para ele o artista não comete suicídio como que por um ato voluntarioso de desespero doentio e decadente, mas antes por ter uma vida em jorro pleno e, portanto, contrário a essa *“sociedade absolvida, consagrada, santificada e possessa”*.³⁹ Para

³² DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 1996. V. 3. p. 23-24.

³³ ROCHA apud CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os Dias...** Op. Cit., p. 225.

³⁴ DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: 34, 1992. p. 139-140.

³⁵ BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa.; PEREIRA, Carlos Alberto M. **Poesia Jovem Anos 70**. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 54.

³⁶ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os Dias...** Op. Cit., p. 220.

³⁷ ARTAUD, Antonin. **Linguagem e Vida...** Op. Cit., p. 267.

³⁸ DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Rio de Janeiro: 34, 1997. p. 9.

³⁹ Ibidem. p. 262.

Artaud, o artista é suicidado pela sociedade. Isso somado à sua luta por novas linguagens, por uma vida exercida na experiência.

E naquela madrugada de novembro de 1972, após dias antes progressivamente destruir seus escritos e por fim sua máquina de escrever, Torquato Neto lança seu corpo no abismo do inominável: a morte. Afinal, sendo seres lingüísticos que só nos reconhecemos no interior da linguagem, não é possível, a nenhum de nós, nem mesmo a Torquato Neto, destruir a linguagem sem explodir com ela.

Referências Bibliográficas

ARTAUD, Antonin. **Linguagem e Vida**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BECKETT, Samuel. **Malone morre**. São Paulo: Códex, 2004.

BEZERRA, Feliciano. **A escritura de Torquato Neto**. São Paulo: Publisher Brasil, 2004.

BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa.; PEREIRA, Carlos Alberto M. **Poesia Jovem Anos 70**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Destruir a Linguagem e explodir com ela: a experiência do cinema marginal em Torquato Neto. **Scientia et Spes**, Teresina, ano 1, n. 1, 2002.

__. **Todos os Dias de Paupéria**. São Paulo: Annablume, 2005.

__. Desfamiliarizar o presente e solapar sua certeza: receitas de Michel Foucault para uma escrita subversiva da história. *In*: NASCIMENTO, F. Alcides; PINHEIRO, A. Paz. **Historias: cultura, sociedade, cidade**. Recife: Bagaço, 2006.

__.; MONTEIRO, J. Honório. Fotogramas Táticos: O cinema marginal e suas táticas frente às formas dominantes de pensamento. *In*: VAINFAS, R.; NASCIMENTO, F. Alcides. **História e Historiografia**. Recife: Bagaço, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: 34, 1992.

__. **Critica e Clinica**. Rio de Janeiro: 34, 1997.

__. Do esquizofrênico e da menina. *In*: __. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

__.; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 1995. V. 2.

___.; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 1996. V. 3.

___.; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 1997. V. 5.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GUALANDI, Alberto. **Deleuze**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

HOLANDA, Heloisa B. de. Poetas rendem chefe de redação (II). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Coluna B, 12 fev. 1983. p.12.

KRUEL, Kenard. **Torquato ou a Carne Seca é servida**. Teresina: Halley, 2001.

PIGNATARI, Décio. Torquato: um depoimento-entrevista a Régis Bonvicino. *In*:

QUEIROZ, Teresinha. **Do Singular ao Plural**. Teresina: EDUFPI, 2015.

TORQUATO NETO. **Os últimos dias de paupéria**. Org. de Waly Salomão e Ana Duarte. São Paulo: Max Limonada, 1982.

___ . **Torquatália: do Lado de Dentro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

___ . **Os últimos dias de paupéria**. Org. de Waly Salomão e Ana Duarte. São Paulo: Max Limonada, 1982.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**. São Paulo: Edusp, 1994.